



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 18, número 3, novembro, 2025, pág. 151-175

**Leitura e escuta de vividos: reconhecimento ético da dignidade da pessoa  
negra**

*Reading and listening to lived experiences: ethical recognition of the dignity  
of black people*

*Leer y escuchar experiencias vividas: reconocimiento ético de la dignidad  
de las personas negras*

**Adelma Pimentel<sup>1</sup>**

**Maria Izabel da Cunha Araujo<sup>2</sup>**

**Kennedy Ferreira da Silva<sup>3</sup>**

**RESUMO**

Trata-se de um estudo teórico exploratório que busca conjugar noções da clínica gestáltica, fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur e a clínica política de Franz Fanon. Nesse itinerário da leitura e escuta do mundo dos textos articulamos as compreensões sob a perspectiva de identidade sociais livres e a dinâmica do reconhecimento da pessoa negra como prática ética, política e cultural capaz de estabelecer rupturas de um suposto discurso da verdade e reafirmar a potência dos sentidos históricos, culturais e de saúde justos e plurais. O método incluiu livros e artigos como fontes analisadas. Resulta da hermenêutica situar as narrativas do colonizador e do colonizado pensado como pessoa livre. Concluímos que uma clínica gestáltica racializada favorece a pessoa negra ampliar o ajustamento criativo, tornando figura a percepção das necessidades psicossociais de saúde e relações. Desvelando a narrativa de um povo, emergem os sentidos e significados históricos que favorecem o enfrentamento e a construção de histórias mais dignas das pessoas negras.

<sup>1</sup> Titular na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pós-doutorado em Saúde Coletiva pela UFPR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976> E-mail: [adelmapi@ufpa.br](mailto:adelmapi@ufpa.br)

<sup>2</sup> Doutoranda na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6793-9512> E-mail: [mariaizabeldacunhaaraujo2016@gmail.com](mailto:mariaizabeldacunhaaraujo2016@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutorando na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8536-2411> E-mail: [kennedyferreiradasilva90@gmail.com](mailto:kennedyferreiradasilva90@gmail.com)



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**PALAVRAS CHAVE:** Racismos; Narrativas; Decolonial; Clínica política; Gestalt-terapia

## **ABSTRACT**

This is an exploratory theoretical study that seeks to combine notions of Gestalt clinical theory, Paul Ricoeur's hermeneutic phenomenology, and Franz Fanon's political clinical theory. In this journey of reading and listening to the world of texts, we articulate understandings from the perspective of free social identities and the dynamics of recognizing Black people as ethical, political, and cultural practices capable of disrupting a supposed discourse of truth and reaffirming the power of just and plural historical, cultural, and health-related meanings. The method included books and articles as sources analyzed. Hermeneutics situates the narratives of the colonizer and the colonized, conceived as free people. We conclude that a racialized Gestalt clinical practice favors Black people's increased creative adjustment, embodying the perception of psychosocial health and relationship needs. By revealing the narrative of a people, historical meanings and significance emerge that favor the confrontation and construction of more dignified stories for Black people.

**KEYWORDS:** Racism; Narratives; Decolonial; Political Clinic; Gestalt Therapy

## **RESUMEN**

Este estudio teórico exploratorio busca combinar nociones de la teoría clínica de la Gestalt, la fenomenología hermenéutica de Paul Ricoeur y la teoría clínica política de Franz Fanon. En este recorrido de lectura y escucha del mundo de los textos, articulamos comprensiones desde la perspectiva de las identidades sociales libres y la dinámica del reconocimiento de las personas negras como prácticas éticas, políticas y culturales capaces de perturbar un supuesto discurso de verdad y reafirmar el poder de significados históricos, culturales y de salud justos y plurales. El método incluyó libros y artículos como fuentes analizadas. La hermenéutica sitúa las narrativas del colonizador y del colonizado, concebidas como personas libres. Concluimos que una práctica clínica de la Gestalt racializada favorece un mayor ajuste creativo de las personas negras, encarnando la percepción de la salud psicosocial y las necesidades relacionales. Al revelar la narrativa de un pueblo, emergen significados y significados históricos que favorecen la confrontación y la construcción de relatos más dignos para las personas negras.

**PALABRAS CLAVE:** Racismo; Narrativas; Decolonial; Clínica Política; Terapia Gestalt



As autoras e o autor são Psicólogos vinculados ao Doutorado na linha de pesquisa Fenomenologia: Teoria e Clínica do Programa de Pós-graduação da UFPA. Uma é pesquisadora/orientadora e ativista de uma clínica gestáltica política; a outra atua em instituição pública, notadamente, formada por muitos homens negros que não se reconhecem como tal, e muitas vezes punem com violência física os seus iguais na cor da pele, e diferentes na investidura de poder; por sua vez, o autor é um homem negro que trabalha com música e musicoterapia.

Na Graduação em Psicologia na UFPA e na linha de pesquisa temos um contingente reduzido de alunas e docentes negros. Este fundo norteia a relevância e a composição do texto, elaborado como um ensaio; um estudo teórico de cunho exploratório que aborda alguns aspectos do racismo, a partir do diálogo entre a clínica psicológica, enfoque gestáltico; a fenomenologia-hermenêutica de Paul Ricoeur, obras *O si mesmo como um outro* (Ricoeur, 1991), e *Percurso do Reconhecimento*; e a clínica política de Franz Fanon, obras *Pele negra, máscaras brancas* (Fanon, 2008); *Alienação e Liberdade: escritos psiquiátricos*, (Fanon, 2020), em busca de focalizar o reconhecimento igualitário da pessoa negra.

Na ontologia do reconhecimento elaborada em Paul Ricoeur (2006), o reconhecimento dos sujeitos é situado em três instâncias, que se desenvolvem seguindo um percurso:

- a) O Reconhecimento como identificação; b) O Reconhecimento de si (ou autorreconhecimento); c) O reconhecimento mútuo. Faz uma análise lexicográfica do vocábulo reconhecer, dela separamos os significados para a palavra-ato: reconhecer é apreender (um objeto) pela mente, pelo pensamento, relacionando entre si imagens percepções que se referem a ele; é aceitar um fato como verdadeiro (Ricoeur, 2006, p. 22-23).



Relacionamos as reflexões ao contexto decolonial<sup>4</sup>, que na época presente, implica em afirmação identitária dos descendentes dos povos originários e dos escravizados/traficados no século XX da África para Europa e para o Brasil.

Damien Tissot e Ernst Wolff<sup>5</sup> (2021) nos precederam publicando um dossiê na Études Ricoeuriennes/Ricoeu Studies, apontando que Ricoeur não é incluído na literatura pós-colonial; e que o objetivo do volume foi “explorar um aspecto pouco estudado, sua relação com a história colonial e a descolonização. Os textos visam demonstrar o potencial de uma releitura crítica da obra de Ricoeur, de imaginar maneiras pelas quais sua filosofia pode se interseccionar produtivamente com a teoria pós-colonial”. (Tissot & Wolff, 2021, p 6).

É importante aludir que, para um futuro trabalho, elencamos referências que os autores indicam na obra de Ricoeur.

O mais significativo é "La question". coloniale” [“A Questão das Colônias”], que foi publicado no semanário *Réforme*, em setembro de 1947, poucas semanas após a independência da Índia. Neste texto, Ricoeur questiona a responsabilidade francesa e europeia pela violência em curso relacionada à descolonização. Apoia incondicionalmente os direitos das pessoas à autodeterminação e defende um universalismo maior que o nacionalismo, que ele define como “a comunidade humana” [“la communauté humaine”] (Tissot & Wolff, 2021, p 6).

Entendemos que não há, em uma acepção estrita, uma teoria de decolonialidade na obra de Paul Ricoeur; apesar disso, interessados em sua filosofia estão em busca de inspirações para juntar as reflexões sobre a América Latina<sup>6</sup>. Algumas de suas proposições podem ser apostas para pensar a vida

---

<sup>4</sup>Decolonialidade, pensamento ético-epistemológico para a superação do racismo estrutural. (Valdemar de Assis Lima, 2022, p 64 - Pensamento decolonial: fundamento ético-epistemológico para a luta antirracista na construção de um sistema-mundo biófilo. *Museologia & interdisciplinaridade* Vol. 11, nº 22, Jul./Dez. 2022

<sup>5</sup> No texto apresentamos o nome completo das autoras e autores, seguido do uso da normalização da revista. Visamos informar no curso da leitura, antes de consultar as referências.

<sup>6</sup> De 12-14/08/2025 foi realizado na UFPI/CFH o II Congresso Interacional Rede Brasil-Ricoeur, temática central: Paul Ricoeur e o pensamento latino-americano.



humana sem relações de escravidão e consumo, por meio da crítica às estruturas de saber eurocêntricas, do reconhecimento do outro e da valorização das narrativas e memórias dos povos colonizados; ações basais para dismantelar a colonialidade do poder. Ademais, ele define o conceito de tempo conjugando as dimensões cronológica e ficcional, que aplicado a noção de *Identidade Narrativa* aponta, “Conhecer-se é interpretar a si mesmo sob o duplo regime da narrativa histórica e da narrativa de ficção” (Ricoeur, 1991, p 265).

Pensando a partir da psicologia clínica gestáltica ponderamos que, a experiência do reconhecimento é uma dimensão existencial que contribui para a saúde integral das pessoas, na medida em que beneficia a realização da criatividade, do auto contato, da solidariedade, da ação capaz, do reconhecimento jurídico, do respeito próprio e ao outro (Pimentel, 2020). Com Ricoeur alinhamos os dois sentidos de identidade: “A identidade do si e a identidade do semelhante” (Ricoeur, 1991, p 267). Com Fanon (2008), temos a radicalidade do desvelamento da identidade da pessoa negra. Ambas compreensões se efetivadas, podem contribuir para uma vida justa. Uma dificuldade ímpar no estágio atual do capital, do trabalho, das políticas de subjetivação e das desigualdades ocorridas no mundo.

O reconhecimento suplanta o desconhecimento, favorece a integração emocional e social da pessoa que vivenciou/a sofrimento humano, ao longo do seu desenvolvimento pelo desconhecimento ao seu direito a ser é. Também pela inserção em movimentos sociais, artísticos; cursos de graduação e pós-graduação pode acumular cultura e conhecimento denso, que permite atualização existencial, científica e política.

Uma pessoa negra ao conjugar os suportes pessoais e a rede de suportes afetivos, sociais e econômicos percorre seu caminho de reconhecimento como identificação do seu lugar efetivo no mundo. Do autorreconhecimento estabelece o reconhecimento de si com um processo de subjetivação que se diferencia daquele praticado pelo colonizador; obtém o reconhecimento mútuo como noção política, na qual se situa como pertencente a sociedade mais ampla e, concomitantemente,



a uma camada de sujeitos que lutam para vivenciar o reconhecimento social. (Pimentel & Miranda, 2022)

A despeito dos problemas mencionados, mantemos a esperança e agimos, em nosso fazer cotidiano, somando as ferramentas dos saberes tradicionais e científicos, aprendendo com a leitura de Fanon (2008) a identificar,

... Baseado em sua experiência pessoal e em diversos autores da literatura Psicológica e Filosófica, como Adler, Jung, Freud, Sartre e Hegel, as diversas facetas dessa inferiorização presentes na linguagem, nas relações de gênero, nos traumas e constituições psíquicas profundas e na ontologia do ser preto em geral (Alvarenga, 2021, p 258).

Tecemos um itinerário da leitura e escuta do mundo dos textos selecionados para as cogitações, e articulamos a compreensão da dinâmica do reconhecimento do existir da pessoa negra como prática ética, política e cultural capaz de estabelecer rupturas com o discurso emitido pelo colonizador na forma e função de verdade. No colóquio envidado, acrescentamos algumas músicas do cancioneiro popular brasileiro, para mostrar elementos da narrativa de um povo, evidenciando os sentidos e significados históricos que fazem parte do humano.

Finalizamos os diálogos teóricos, vislumbrando aprofundar a concepção de integralidade da saúde humana, em relação aos impactos psicossociais na formação da identidade dos sujeitos, assim como contribuir para as dinâmicas de produção do conhecimento de saberes multiculturais. O artigo apresenta as seções: introdução; recortes da biografia de Fanon e Ricoeur; desdobramentos da clínica gestáltica política, e considerações finais.

## **RECORTES DA BIOGRAFIA DE FRANZ FANON E PAUL RICOEUR: MARTINICA E VALENCE**

A elaboração de um diálogo entre Frantz Fanon e Paul Ricoeur se deu, em base as suas biografias, obras e artigos científicos; subsídios conceituais que contribuem para psicólogas e psicólogos ampliarem, no manejo clínico,



intervenções que favoreçam o processo pessoal e social de reconhecimento de homens negros.

São duas raízes francesas, compostas por marcos históricos distintos. Fanon, nasceu em 1925 e morreu em 1961. Em sua vida, efeitos da ação do colonizador francês, que, ante o colonizado africano forjou uma relação vertical de exploração do homem negro. Ele sofreu os horrores da escravidão, travando lutas políticas no campo da saúde, voltadas a superação dos apagamentos existenciais do seu povo. Viveu na Martinica, colônia francesa, no século XX, exerceu a psiquiatria desenvolvendo uma clínica política. Ricoeur, homem branco, nasceu em 1913 em Valence, cidade francesa livre, e faleceu em 2005. Foi militar, lutando na guerra, e aderiu a movimentos de luta pela alteridade. Professor universitário, homem religioso.

**Quem é francês?** Aqueles que nasceram na França? Os que viveram na Martinica e foram colonizados pela França? “Desde abril de 2015, a Martinica deixou de ser um departamento ultramarino da França. O país permanece território francês, mas ganhou maior autonomia administrativa. A população da ilha elege dois senadores e quatro deputados para o Parlamento francês”. (Veríssimo, 2018).

Rafaela dos Santos Cruz (2023), em sua dissertação e mestrado descreveu três línguas principais que circulavam na Martinica da época em que Fanon viveu: o *patóia*, derivado da mistura do francês com línguas africanas, inferiorizado, ligado a expressividade de classe (trabalhador escravizado); o *crioulo*, mesclado pela “melhor” composição da língua africana com o francês; e o francês propriamente conhecido e falado pelo europeu. As manifestações eram vinculadas ao grau socioeconômico, respectivamente: trabalhadores; servidores públicos/pequenos comerciantes; e elite local, configurando os níveis de exclusão (Cruz, 2023).

A autora apontou,

A Martinica possuía uma população de aproximadamente 300 mil habitantes. A classe alta, reconhecida como *béke*, abarcava cerca de mil ilhéus descendentes dos primeiros colonos franceses; a classe média possuía em torno de 25 mil nativos, composta por funcionários públicos e pequenos



comerciantes, a qual integrava a família Fanon; e a massa trabalhadora, constituída majoritariamente por habitantes negros. Essa conjuntura orientava a dinâmica das relações sociais: de um lado, a cor da pele dos sujeitos, a qual indicava o pertencimento, ou não, ao grupo dos *békes*, e, de outro, o grau de domínio da língua francesa (Cruz, 2023, p. 24).

Pelo exposto, consideramos que responder à questão implica em trilhar várias direções: i) levantar a história de invasões e a memória desde a antiguidade, idade média, monarquia e república francesa; ii) identificar a classificação dos povos/pessoas consoante os vários modos de existir; iii) examinar as influências culturais deixadas pelas duas grandes guerras mundiais; iv) descrever as características da atual V República francesa, instituída, desde 1958 com *De Gaulle*. A envergadura da réplica transcende o limite deste texto, pois não é possível elaborar uma resposta linear; destarte, o enfoque da argumentação é transversal. Apontadores acerca da exclusão, sofrimento e violências sofridas pelo colonizado negro, na Martinica de Fanon (Goncourt & & Goncourt, 1899, *Histoire de la société française pendant le directoire*).

Avançando na biografia de **Fanon**, de acordo com Alaigh (2024) foi um homem que participou do Partido Político Frente para Libertação Nacional (FLN) da Argélia, local que representou como embaixador o governo provisório, além de seu trabalho na saúde e na ciência, pois, prosseguia atuando na psiquiatria e produziu o “jornal oficial do partido”. (p.2). Sua vida foi cronologicamente curta e longa no âmbito da elaboração de obras que estimulavam a busca pela liberdade plena do jugo do colonizador.

Ele nasceu na Martinica; lá vivenciou, pela primeira vez a hierarquia racial que estruturava a sociedade colonial. Dois episódios ajudaram a fornecer a consciência: o encontro com o racismo, por parte dos europeus brancos durante a Segunda Guerra Mundial, na qual lutou como membro das Forças Francesas Livres, e as suas experiências como estudante de medicina em Lyon, 1940 (Alaigh, 2024, p 3).



Fanon (2020) foi publicado pela UBU Editora. Na apresentação Renato Nogueira descreve que a obra Ensaio sobre a desalienação do negro foi produzida para que Fanon concluísse o curso de medicina em uma universidade francesa. A mesma foi reprovada. Nogueira atenta que a ação institucional retrata mais uma das lutas de Fanon,

O estreitamento cognitivo da academia francesa dos anos 1950 impediu de vir à tona um trabalho autêntico de tema urgente e incômodo. Fanon lançava mão de um repertório criativo e de uma estratégia de sobrevivência típica de pessoas negras em contextos de colonização e de opressão racial. Ele precisou se adaptar e se reinventar e chegar aos limites da exaustão para ser aceito.

Nogueira prossegue situando aos leitores sua hermenêutica da violência situada na obra, fato que gerou a Fanon inúmeras críticas:

O novo humanismo não encampa violência essencial porque faz parte da resistência anticolonial. A violência não é um fim em si. O perigo tanto da opressão colonial quanto da resistência anticolonial é sucumbir à adicção. A metrópole quer o controle da colônia; extrair suas riquezas naturais e explorar o trabalho, fazendo das pessoas suas ferramentas. A colônia pretende se libertar, gerir seu destino. Para a metrópole, o risco da violência é exterminar a colônia. Para a colônia, o perigo é ter seu projeto de liberdade inviabilizado pelo fato de ela só saber viver sob o regime da violência. (Nogueira, 2020, p. 9)

As controvérsias sobre ser ou não a violência um instrumento político não pode negar que houve (há) a imposição do colono ao colonizado da escravidão e racismo. Adentrando nas argumentações de Fanon na publicação da UBU de 2020, acerca da clínica psiquiátrica, e no artigo de Sevalho e Dias (2022) temos que, sua prática se deu no hospital Saint-Alban, em 1953, instituição de portas abertas, já que o modelo asilar estava em causa, e também “um local de resistência ao nazi-fascismo” (Sevalho & Dias, 2022, p 939). Consoante os autores, Fanon “suprime a separação nos atendimentos a nativos argelinos e europeus, abre as portas do



hospital para aqueles considerados aptos para o convívio externo, institui programas de terapia ocupacional, reformula a atenção priorizando a integração entre os serviços e a comunidade” (Sevalho & Dias, 2022, p. 940).

Fanon denuncia a impotência da psiquiatria ortodoxa que atuava a serviço do colonizador; afirmou que a *despersonalização* é um efeito psíquico da colonização. Assim, é indissociável realizar um (psico)diagnóstico interdisciplinar e situar na gênese do adoecimento, o tipo de tecido social que forma a subjetividade e afeta a consciência; e no âmbito da intervenção clínica, reunir os usuários do hospital, independentemente de cor da pele e local de nascimento foi uma ação potente; permitia enfrentar a segregação e ser precursora da associação entre psiquiatria e comunidade no cuidar. (Fanon, 2020; Sevalho & Dias, 2022)

Frantz Fanon (2008) afirmou que o racismo cria um processo de enraizamento das normatizações, como “esquema epidérmico” do sistema colonial, cuja finalidade é reduzir o negro a uma cor, organizado e estigmatizado pelo branco, e não pelo negro. No livro *Pele Negra, máscaras brancas*, apontou que a subjetividade do negro é marcada por uma neurose capaz de gerar alienação da sua condição de sujeito negro, levando-o por vezes a se pensar, se comportar e agir no mundo dos brancos.

Nesse processo o reconhecimento de si e a existência se aliena, o ser negro passa a ser objeto, e o processo de colonização configura e dita as regras da condição humana do que pode ser. Esse aprisionamento desconsidera fatores como raça, gênero e outras características extremamente importantes para a condição humana.

Associando ao Brasil, notadamente ao nortista paraense, as ponderações até aqui compostas, pensamos que os estudos e práticas decoloniais indicam a proposta de aprender e desaprender. Aprender o saber ancestral cultural daqueles que foram minorizados como ribeirinhos, negros, indígenas. Desaprender os moldes coloniais como única forma possível de elaborar ciências humanas/sociais, cultura e arte. (Mignolo, 2005, Pimentel, 2025)



Quanto a **Paul Ricoeur**, este nasceu em Valence, 1913. Martins (2018) resenhou a biografia do filósofo escrita por Dosse (2017), em que destaca a perda dos pais, e as leituras como suportes para desenvolvimento psicossocial. Menciona “os ecos da guerra. Dosse encerra esta primeira parte com a discussão das ilusões e limites do pacifismo nos anos 1930 quando lidavam com o nazi-fascismo. Quando a Segunda Guerra Mundial inicia Ricoeur vai à guerra como oficial do exército francês.” (p. 275).

Outra ênfase citada em Martins (2018) foi a prisão de Ricoeur,

A derrota da França para a *Wehrmacht* apanha o filósofo e seus soldados que se entregam e passam o restante da guerra como prisioneiros na Pomerânia Oriental. Em que pese as humilhações e cerceamento de liberdade, os oficiais presos conseguiram um tratamento menos indigno com acesso a livros e possibilidade de exercerem atividades intelectuais, inclusive ensino, debate e escrita no cárcere. (Martins, 2018, p.275)

A participação política de Ricoeur é delineada adjunta ao período universitário, em Estrasburgo, “de engajamento junto ao campo do Terceiro Mundo, no apoio às descolonizações e revoluções nacionais em África e Ásia e dos movimentos socialistas que procuravam uma terceira via entre o capitalismo e seu consumismo exacerbado e o comunismo soviético burocrático”. (p.276)

Retornando ao dossiê publicado na *Études Ricoeuriennes/Ricoeu Studies*, incluímos o que Tissot e Wolff (2021) nomearam de terceiro objetivo,

A terceira tarefa, em consonância com o espírito dos estudos pós-coloniais, é questionar todas as formas de chauvinismo, culturais (incluindo o eurocentrismo) ou metodológicas (tanto na filosofia quanto nas ciências sociais). Requer a abertura da filosofia de Ricoeur a autores, filosofias, teorias e contextos externos ao Ocidente. Como tais contribuições - em coordenação com uma reconsideração crítica da obra de Ricoeur – podem nos ajudar a interpretar as maneiras pelas quais o mundo é plural? (Tissot & Wolff, 2021, p. 9)



## **MEDIAÇÕES DA LINGUAGEM E DA CLÍNICA NA IDENTIDADE DA PESSOA NEGRA**

Em linhas gerais, a filosofia da linguagem ricoeuriana elabora um caminho em que o movimento do sujeito para conhecer é organizado na premissa: “é como sou”, que consiste na compreensão de si mesmo (não ligando a existência ao “eu penso”). Ricoeur (1991), desenvolve à proposta de que o sujeito enlaçado na linguagem explica e compreende o mundo, situando-se historicamente, na relação com o outro e com os discursos. Quando alguém fala, escreve e fixa o dito em um repositório (livro, música, pinturas, obras) indica o modo em que capta, percebe e atribui sentido ao mundo objetivo e temporal. O corpo próprio é a fonte intercessora da significação, “essa estranha constituição do corpo próprio estende-se do sujeito da enunciação ao próprio ato da enunciação: como voz impulsionada para fora pelo sopro e articulada pela fonação e toda a gesticulação, a enunciação divide a sorte dos corpos materiais”. (Ricoeur, 1991 p. 72)

Fanon (2008) configura a linguagem como fonte de evocação da totalidade que somos, enquanto existência humana, bem como do reconhecimento da alteridade, “a dimensão para-o-outro do homem de cor, uma vez que falar é existir absolutamente para o outro” (p. 33).

Observamos em Ricoeur e Fanon a dimensão da linguagem enquanto mediadora da experiência e da construção de sentido de si, que se compreende no tempo, na língua e na relação com o outro, uma vez que “a identidade se faz a si no espaço linguístico da narração (Junior, 2022, p. 44). Sendo assim, nos tornamos quem somos pela forma como narramos nossa própria história.

Para Ricoeur (1991) a narrativa se posiciona como núcleo identitário da pessoa, o sujeito que diz “eu” como aquele que se constituiu por meio da história que conta sobre si mesmo, trata-se sempre da identificação. Fanon (2008) descreve a potência da linguagem do colonizador para impor a experiência de aniquilamento cultural das tradições da pessoa martinicana. Por meio do confronto da ação e da linguagem emitida pelo colonizador, estimula o povo colonizado a



fraturar o esvaziamento de si e a rejeição daquilo que se é próprio, e superar a homogeneização.

A subjetividade moderna, visa à criação de um ponto de vista a-histórico cuja principal função é a unidade. Sua racionalidade permite que ele deixe de lado sua própria multiplicidade, as marcas de seu próprio gênero e raça, e veja e entenda o mundo como se fosse “de cima” ou de “uma visão de lugar nenhum. (Ortega et al., 2024, p.149).

No fluxo do tempo cronológico e ficcional, presentes nas culturas e nas vivências das pessoas negras, são abocados discursos hegemônicos que se aproximam de expressões de violência, discriminação e preconceito racial: “... o negro... ele não tem cultura, não tem civilização, nem “um longo passado histórico” (Fanon, 2008, p. 46).

Acerca da prática clínica, a linguagem verbal pode ser um meio de promover saúde e, igualmente, adoecimentos. João Rafael Chió Serra Carvalho (2020) assevera que,

O indivíduo para Fanon é fruto de seu meio, para ele é impraticável clinicar e desalienar o homem se se vai reinseri-lo em uma situação de exploração, expropriação e alienação. Fanon percebe na linguagem o primeiro trauma contra o sujeito colonizado. Ele é antes de ser um homem um adjetivo: *negro, árabe, antilhano, norteafricano*. Essa adjetivação negativa é imposta e cria um indivíduo cingido que se confronta na sociedade com uma sociabilidade que renega seu estatuto ontológico ao mesmo tempo que renega a episteme de seu povo (Carvalho, 2020, p 120).

No bojo da psicoterapia, uma forma que a Psicologia Clínica organiza os sistemas teóricos-metodológicos, aliando-se aos procedimentos de desconstrução do racismo, Pimentel (2019) apontou que o reconhecimento próprio e social das pessoas negras é diminuído devido à subvalorização dos bens culturais da matriz Africana; a difícil mobilidade de classe, e pela inserção no trabalho em funções restritas devido à qualificação escolar e ou acadêmica, “O pensamento escravocrata, patriarcal e colonialista ainda permanece nas relações sociais



brasileiras” (Passos, 2017, p 82). Destarte temos, entre as consequências subjetivas de todas as formas de desconhecimento: o sofrimento humano (com destaque para o psicológico), e a subalternidade.

Sobre o “Percurso do Reconhecimento” ricoeuriano, Corá e Nascimento (2011) afirmam que estabelece a trajetória de passagem do reconhecimento como (a) noção epistemológica enquanto identificação, (b) o reconhecimento enquanto capacidade de reconhecimento de si, (c) reconhecimento como noção política” (p. 408). Quando alguém se vale da aplicação empírica do *reconhecimento-identificação* situa os marcadores objetivos de sua personificação: a profissão, a idade, o endereço, etc. O *reconhecimento de si* aciona a corporeidade para agir no mundo de um modo capaz. Com a contribuição de Ricoeur sobre a capacidade pode-se pensar na superação da linguagem binária, pois,

A existência de um homem capaz não pressupõe a existência de um homem incapaz, sim, a existência de quem é capaz e para que ele é capaz. O homem afirma-se e atesta-se como sujeito corpóreo, de carne e osso, capaz de se designar, de agir, de narrar à história da sua vida e de se apresentar e assumir como autor responsável pelos seus atos” (Corá e Nascimento, 2011, p 410).

Em nossa prática clínica consideramos facilitar, empaticamente, que a pessoa negra amplie o ajustamento criativo, tornando figura a percepção das necessidades psicossociais de saúde e relações. Em contraponto aos ajustamentos conservadores, a pessoa negra desenvolverá modos de se manter ativa e responsável, providenciando a superação das disfunções de contato.

## **RACISMOS**

Nos atendo ao Brasil., nos valem na escritura de algumas leituras de artigos e livros. Ricardo Ventura Santos (2010) acerca da sua composição da antropologia física no Brasil de 1870 a 1930. O autor descreve a ampla materialização dos primeiros estudos científicos brasileiros as bases europeias, com destaque à francesa. O positivismo, as leis de Mendel foram aplicadas ao



exame dos fosséis indígenas, seguidos da mestiçagem “Craniologia das raças, influencia teórico-metodológica da escola francesa do Sr. Broca. Na segunda metade do século XIX, inferir atributos intelectuais e morais aos indivíduos com base no estudo de características físicas” (Santos, 2010, p 88).

Para ressaltar a diferença entre brancos, índios e negros, “Os discursos seguiam explicações raciais/biológicas até aquelas centradas no papel do meio cultural, econômico e social” (Santos, 2010, p 102). Contudo, havia um destaque ao biológico, a genética; assim, “As debilidades da raça, do germoplasma estariam na esfera da eugenia” (p. 103).

Véran (2010) indaga no prefácio do livro *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil: Raça existe?* Indica que na obra é apresentada “Uma metamorfose importante da “questão racial”. Ela não é mais apreendida como determinismo biológico, mas também não é mais avaliada pelo prisma do determinismo cultural nas relações interpessoais. A “raça” existe como construção social, que produz consequências bem reais, sendo o racismo uma delas”. (p.11). Segue pontuando que “Em sua dimensão política, a questão histórica que mobiliza a ideia de “raça”<sup>7</sup> é a de definir o povo, de produzi-lo simbolicamente para formar a ‘comunidade imaginária’ da nação (Véran, 2010, p 12).

As imputações simbólicas são corporificadas e vividas psiquicamente causando sofrimento a pessoa negra. Além disso implicam em introjeção de postura de subalternidade, que se mantém, mesmo após a sanção da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, em prol da “abolição” da escravidão. Não esqueçamos que “O Brasil foi o último país a abolir a escravidão”. (Nunes, 2006, p 90). Assim, a medida legal não concretizou o banimento das iniquidades, tampouco realizou a inclusão social e política das mulheres e homens negros, que prosseguiram alijadas do sistema socioeconômico, com rebaixamento salarial no mercado de trabalho, com maior incidência das mulheres negras.

---

<sup>7</sup> Todas as aspas no parágrafo estão na fonte original.



Para Weyler (2006, p 19), “O Brasil passou a consumir modelos teóricos raciais evolucionistas e social-darwinistas que ganharam força como um novo e importante argumento para explicar a desigualdade social”. Conforme Oliveira, Meneghel e Bernardes (2009, p. 269), “A discriminação racial estabelece relações hierarquizadas de poder entre as diferentes raças por meio da ideologia da raça dominante; desrespeitando e menosprezando a identidade da população negra, produzindo sofrimento físico e emocional e modos de subjetivação que assujeitam e homogeneízam”.

Na formação social da identidade brasileira, expressões sobre a pessoa negra, do tipo conto do “mito negro” como: do feio, do ruim, do sujo, do exótico expressam as figuras do irracional (Souza, 1983). Esses pilares erguidos historicamente permeiam a subjetividade, pois ainda se conectam ao ideal da branquitude. O mito negro, ainda transmite os significados de resistência física e hipersexualidade, reduzindo o sujeito negro a uma instância biológica, e um falso reconhecimento da “capacidade” reprodutora. Essa representação social admite uma carga sobre a pessoa negra, afetando a possibilidade de ser potência diante de facticidades do mundo cotidiano (Souza, 1983).

Souza (1983) aponta que as pessoas negras vêm como o único caminho o embranquecimento para obter passabilidade social, dessa forma se moldam a submissão ao “figurino branco” e a todo momento o falar, pensar e agir apontam para estrutura que não condiz com seu tom de pele, para ser lidos socialmente como branco. No Brasil, o negro descontente e desconfortável com sua condição de cor, procura miscigenar-se para diluir suas características raciais, pois no imaginário coletivo se tem uma visão negativa sobre o ser-negro (Bento, 2016).

Para o homem negro essas exterioridades sociais carregam pré-conceitos na maneira de existir, por uma rede de significado de estruturas racistas históricas. O mundo não é neutro, portanto, é cheio de sinais sociais, os espaços físicos fazem com que a pessoa negra em determinados ambientes se condicione numa postura para não ser suspeito, as micro lesões estão presente em torno dessa existência



seguido por olhares, comentários e suspeitas. Além disso, há barreiras institucionais, na educação, no trabalho e na justiça.

As interações/relações humanas permeadas pelo racismo configuram encontros verticais, distorcidos pelo olhar mediado do colonizador branco, forjando barreiras sutis e escancaradas no acesso ao emprego, abordagens policiais seletivas, naturalização de expressões linguísticas em forma de piadas racistas. A introjeção acrítica do conjunto das barreiras/opressoras interfere na autopercepção do mundo subjetivo, próprio. Tal imposição afeta o reconhecimento da sua existência.

Nogueira (1998) examina o processo de alienação histórica dos negros brasileiros diante de seu próprio corpo. Os negros são apontados como figura de ódio com relação ao seu corpo e a sua condição, tendo como único caminho a autodestruição que se inicia pelo apagamento de marcas física, nesse caso temos procedimentos capilares, modificações de traços negroides ou retirada total deles e até “correções” ortodônticas.

Bento (2016) profere que a desvalorização do outro como pessoa é o primeiro passo para exclusão moral. Os abandonados moralmente são indignos e sem valor, logo podem ser prejudicados e explorados, em diversas formas: da discriminação ao genocídio. Esse processo de desumanização da pessoa negra, a distância da humanidade, atribuindo-lhes lugares/papeis utilitários, de descaso e exploração.

Neusa Santos Souza (1983) pontua a necessária conscientização de que a identidade de ser pessoa negra requer tomar posse do processo ideológico de negação. Obter consciência e criar uma nova, que reafirme às diferenças e gere dignidade. Ser negro não é condição dada é um vir- a- ser.

Dessa forma podemos partir do pensamento decolonial e encontrar pistas de enfrentamento do colonialismo. “situado na América Latina, como uma proposta capaz de pensar a colonização como fato histórico de opressão, repressão e genocídio praticado pelo afã moderno de colonização e domínio” (Santos, 2022, p.103).



Grada Kilomba (2016) delimitou o horizonte da política de silenciamento do colonialismo no texto *The Mask* (2010)<sup>8</sup>, em que discutiu sobre a imposição do uso de máscara e a própria atividade de dominação do humano, cominação realizada por “senhores” brancos aos africanos escravizados nas lavouras de cana de açúcar ou cacau, cuja finalidade era evitar que ingerissem algo da plantação, no entanto a autora transpõe essa questão do controle do corpo, delineando a dimensão do domínio, da conquista e exclusão social.

Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/ as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura (Kilomba, 2016, p. 172)

## **CONTAR MINHA/NOSSA HISTÓRIA**

Para contar sua história, superar as armadilhas da colonialidade como questões de gênero e classe especialmente étnico-racial, as pessoas negras enfrentam dia-a-dia os freios simbólicos e materiais elaborados pela narrativa do colonizador. O enfrentamento é uma forma de assegurar: não preciso de “autorização” para narrar minha própria história (Silveira et al., 2021)

A obra musical é um caminho para compor narrativas. Na letra da música dos Racionais MC's, o discurso descreve um processo de luta e identidade “histórias, registros e escritos não é conto, nem fábula, lenda ou mito, não foi sempre dito que preto não tem vez? Então, olha o castelo e não foi você que fez [...]” (Racionais MC's, 2002, faixa 5)

---

<sup>8</sup> KILOMBA, Grada. “The Mask” In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.



Outro exemplo está, no álbum *chorando estrelas* lançado em 1992. A canção intitulada “identidade”, composta e interpretada por Jorge Aragão surgiu de uma experiência vivida sobre racismo do próprio autor, sua composição transcende uma experiência isolada e se torna um símbolo de resistência e denúncia “se preto de alma branca pra você/ é o exemplo da dignidade/ Não nos ajuda, só nos faz sofrer/ Nem resgata nossa identidade” (Aragão, 1992).

Escutar e interpretar Jorge Aragão permite identificar o sentido de que é necessário o reconhecimento de ser negro, pois a percepção do sabote existencial gera dor, ao refletir sobre sua própria identidade. Nessa encruzilhada apomos uma reflexão fenomenológica-hermenêutica, decolonial e crítica, “um sujeito cuja a existência vivida incorporada e marcadores sociais e de gênero “contaminados” são da maior importância, pois são fundamentais não apenas epistemicamente, mas existencialmente”. (Ortega et al. 2024, pp. 150, 204).

Complementando essa reflexão a canção *A Carne*, interpretada por Elza Soares no ano 2002, e composta por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulisses Cappelletti em 1998 expõe essa objetificação histórica do negro: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”.

A carne mais barata do mercado  
É a carne negra  
(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Só-só cego não vê)  
Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo do plástico  
E vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Dizem por aí)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Que fez e faz história  
Segurando esse país no braço, meu irmão  
O cabra que não se sente revoltado  
Porque o revólver já está engatilhado  
E o vingador eleito  
Mas muito bem intencionado  
E esse país vai deixando todo mundo preto  
E o cabelo esticado  
Mas mesmo assim ainda guarda o direito  
De algum antepassado da cor  
Brigar sutilmente por respeito  
Brigar bravamente por respeito  
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)  
De algum antepassado da cor  
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar  
Se liga aí  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Na cara dura, só cego que não vê)  
A carne mais barata do mercado é a carne negra  
(Tá, tá ligado que não é fácil, né, né mano?)  
Negra, negra  
Carne negra  
É mano, pode acreditar  
A carne negra  
(Soares, 1988)

Ambas as músicas apresentadas são experiências do mundo vivido e uma denúncia ao racismo e apontam sobre o embranquecimento, colonização, mas operam como expressão artística. Encorajar a pessoa negra a utilizar essas ferramentas para lidar com a opressão, oferecem trilhas no processo de



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

decolonização, guiando para construção de uma identidade ciente de um passado, presente e futuro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A relevância científica do trabalho está na sua colaboração na esfera da psicologia clínica gestáltica para a produção de conhecimento, frente às proposições de identidades sociais livres, fenomenologia hermenêutica e o pensamento decolonial.

A reunião desses conhecimentos favorece possibilidades para se pensar diretrizes éticas e políticas mais racializadas, situadas em um tempo e espaço que contribuam para a prática e atuação do psicólogo de maneira atenta e crítica. Na composição exploratória procuramos verificar pontos de união, no pensamento dos autores, acerca da condição humana, especificamente a polaridade reconhecimento/desconhecimento de si e do outro; a violência sofrida pelo colonizado negro e a clínica como estratégia de saúde.

Na prática clínica gestáltica, a intervenção das profissionais requer desconstruir ajustamentos neuróticos crônicos, em que o contato é realizado como evitação, fuga ou defesa do ego. Desvelar a subalternidade envolve uma gama de posicionamentos éticos, teóricos e políticos, em prol da confrontação do racismo estrutural.

Pessoas negras tem o direito a dignidade humana; a vivenciar a pluridimensionalidade de ser ela mesma; identificar com sua cor, sua sexualidade, seu corpo, afrontando concepções e normas excludentes, preconceituosas e discriminatórias, efetivando-se enquanto pessoa cidadã. O resultado é saúde integral

## **REFERÊNCIAS**

Alaigh, A. (2024). Resenha da obra *The Rebel's Clinic: The Revolutionary Lives of Frantz Fanon*, de Adam Shatz (tradução A. Martins). Revista do Instituto



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Humanitas Unisinos. <https://ihu.unisinos.br/categorias/641445-as-muitas-vidas-de-frantz-fanon>

- Aragão, J. (1992). *Identidade*. In Chorando estrelas [CD]. Warner Music.
- Bento, M. A. S. (2016). Branqueamento e branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 25–57). Vozes.
- Carvalho, J. R. C. S. (2020). Identidade e alteridade em Frantz Fanon. Sankofa, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, Ano XIII(XXIV).
- Corá, Élsio José & Nascimento, Cláudio Reichert do (2011). *Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, outubro.
- Cruz, R. dos S. (2023). *A experiência corpórea do sujeito preto na obra Pele Negra, Máscaras Brancas de Frantz Fanon* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234674>
- Dosse, F. (2017). *Paul Ricoeur: Os sentidos de uma vida*. Liber Ars.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). EDUFBA. (Trabalho original publicado em 1952)
- Fanon, F. (2020a). *Alienação e liberdade: Escritos psiquiátricos* (J. Khalfa & R. J. C. Young, Orgs.; R. C. Costa, Trad.). Autêntica Editora.
- Fanon, F. (2020b). Ensaio sobre a desalienação do negro. In J. Khalfa & R. J. C. Young (Orgs.), *Alienação e liberdade: Escritos de juventude* (R. Nogueira, Apres.; R. C. Costa, Trad.). Ubu Editora.
- Goncourt, E., & Goncourt, J. (1899). *Histoire de la société française pendant le Directoire*. Charpentier.
- Junior, A. B. de. (2016). A metáfora do si-mesmo como outro: Poética e ontologia em Paul Ricoeur. In F. C. L. de Castro (Org.), *O si-mesmo e o outro: Ensaios sobre Paul Ricoeur* (pp. xx–xx). Editora Fi.
- Martins, C. (2018). Paul Ricoeur: *Os sentidos de uma vida* (Resenha da obra de François Dosse). Perspectiva, São Paulo.



- Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 34–54). CLACSO.
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Universidade de São Paulo.
- Nunes, S. da S. (2006). *Racismo no Brasil: Tentativas de disfarce de uma violência explícita*. Psicologia USP, 17(1), 89–98. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>
- Oliveira, M. L. P. de, Meneghel, S. N., & Bernardes, J. de S. (2009). Modos de subjetivação de mulheres negras: Efeitos da discriminação racial. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 266–274. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200014>
- Ortega, M., Silva, G. A. da, & Holanda, A. F. (2024). Impureza crítica e a disputa por uma fenomenologia crítica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 5(2), 147–160. <https://doi.org/10.62506/phs.v5i2.235>
- Passos, D. O. R. (2017). De escravas a cuidadoras: Invisibilidade e subalternidade das mulheres negras no trabalho de cuidado. *O Social em Questão*, 38(2), 73–88.
- Pimentel, A. (2025). Evidências do pensamento decolonial na literatura científica gestáltica brasileira: Evidence of decolonial thinking in Brazilian gestalt scientific literature. *Revista Cocar*, 34.
- Pimentel, A. & Miranda, Davi. (2022). Hermenêuticas sobre educação crítica e reconhecimento político da subjetividade trans. *REVASF*, Petrolina-Pernambuco - Brasil, vol. 12, n.28, agosto.
- Racionais MC's. (2002). Negro drama [Música]. In *Nada como um dia após o outro dia*. Cosa Nostra.
- Ricoeur, Paul. (1991). *O si-mesmo como outro* (1.<sup>a</sup> ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ricoeur, Paul. (2006). *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola,
- Santos, G. A. O. (2022). Pensamento decolonial e psicologia existencial. In F. F. S. Melo & G. A. O. Santos, *Psicologia fenomenológica e existencial: Fundamentos filosóficos e campos de atuação* (1a ed.). Manole.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Santos, R. V. (2010). Mestiçagem, degeneração e a viabilidade de uma nação: Debates em antropologia física no Brasil (1870–1930). In M. C. Maio (Org.), *Raça como questão: História, ciência e identidades no Brasil*. Editora Fiocruz.
- Sevalho, G., & Dias, J. V. S. (2022). Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: Contribuições para a saúde coletiva brasileira. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(3), 937–946.
- Silveira, J. I., Nascimento, S. L., & Zalembessa, S. (2021). Colonialidade e decolonialidade na crítica ao racismo e às violações: Para refletir sobre os desafios educação em direitos humanos. *Educar em Revista*, 37, e71306.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1a ed.). Graal.
- Tissot, D., & Wolff, E. (2021). *Introduction – Ricoeur postcolonial*. *Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies*, 12(1), 6–10.
- Véran, J.-F. (2010). Prefácio. In M. C. Maio (Org.), *Raça como questão: História, ciência e identidades no Brasil*. Editora Fiocruz.
- Veríssimo, A. (2018), *Martinica, Portal contemporâneo da américa latina e caribe*, <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/martinica>
- Weyler, A. R. (2006). *A loucura e a república no Brasil: A influência das teorias raciais*. *Psicologia USP*, 17(1), 17–34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100003>

**Submetido: 03/11/2025**

**Aprovado: 13/11/2025**

**Publicado: 30/11/2025**

**Autores**

**Adelma Pimentel**

Titular na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Pós-doutorado em Saúde Coletiva pela UFPR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976> E-mail: [adelmapi@ufpa.br](mailto:adelmapi@ufpa.br)

**Maria Izabel da Cunha Araujo**



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq- GPPFE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Doutoranda na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6793-9512> E-mail: [mariaizabeldacunhaaraujo2016@gmail.com](mailto:mariaizabeldacunhaaraujo2016@gmail.com)

**Kennedy Ferreira da Silva**

Doutorando na Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8536-2411> E-mail: [kennedyferreiradasilva90@gmail.com](mailto:kennedyferreiradasilva90@gmail.com)